

Escrevendo como Richard Bachman

STEPHEN KING



A
LONGA
MARCHA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A LONGA MARCHA

The Long Walk

Stephen King
(Richard Bachman)

*Em uma América do futuro,
a maratona é o máximo em
esportes de competição...
Uma novela de arrepiante
possibilidade macabra*

*Este livro é dedicado a Jim Bishop,
Burt Hatlen e Ted Holmes.*

“Para mim, o Universo era destituído de Vida, de Finalidade, de Vontade, mesmo de Hostilidade. Era um motor a Vapor imenso, morto, imensurável, rolando, em sua morta indiferença, para me moer, membro após membro. Ó vasto, lúgubre, solitário Gólgota e Moinho da Morte! Por que foram os Vivos banidos para lá, sem companheiros, conscientes? Por quê, se não há o Demônio? Não, a menos que o Demônio seja seu Deus!”

— THOMAS CARLYLE

“Eu estimularia todos os americanos a andar com tanta frequência quanto possível. Isso é mais do que saudável. É divertido.”

— JOHN F. KENNEDY (1962)

“A bomba não funciona / Porque os vândalos levaram a manivela

— BOB DYLAN

PARTE UM

COMEÇANDO

CAPÍTULO 1

*“Diga a palavra secreta e ganhe cem dólares.
George, quem são nossos primeiros competidores?
George..? Você está aí, George?”*

— GROUCHO MARX
You Bet Your Life

Naquela manhã, um velho Ford azul entrou no pátio de funcionamento protegido por seguranças, parecendo um pequeno e cansado cachorro após uma difícil corrida. Um dos seguranças, um rapaz de fisionomia sem expressão, uniforme cáqui e cartucheira Sam Browne, pediu para ver a carteira de identidade. O rapaz que se encontrava no assento traseiro entregou-a à mãe, que a passou ao segurança. Este levou-a para um terminal de computador, que parecia estranho e deslocado no silêncio rural. O computador engoliu o cartão, que relampejou na tela:

*GARRATY RAYMOND DAVIS
RD 1 POWNAL MAINE
ANDROSGOGGIN COUNTY
CI NUMERO 49-801-89
OK-OK-OK*

O segurança apertou outro botão e tudo isso desapareceu, deixando a tela do terminal lisa, verde e vazia novamente. Com um gesto, mandou-os prosseguir.

— Eles não devolvem a carteira? — perguntou a sra. Garraty. — Eles não...

— Não, mamãe — respondeu pacientemente Garraty.

— Bem, eu não estou gostando disso — retrucou ela, entrando no espaço vazio.

Vinha dizendo isso desde que haviam partido na escuridão das 2:00h da manhã. Na verdade, ela estivera gemendo isso.

— Não se preocupe — tranquilizou-a o rapaz, mas sem escutar o que dizia.

Estava ocupado olhando e com sua própria confusão de expectativa e medo. Saiu do carro quase no exato momento em que o motor soltava seu último chiado asmático — um rapaz alto, benfeito de corpo, usando um desbotado uniforme de faxina do Exército, no frio de 8:00h da manhã de primavera.

A mãe era também alta, mas magra demais. Quase não tinha seios, que eram meros botões simbólicos. Os olhos dela moviam-se por ali, inseguros, um pouco chocados. O rosto era de uma inválida. O cabelo acinzentado se desmanchava sob a complicação dos grampos que supostamente deviam mantê-lo arrumado. O vestido escorria desajeitado pelo corpo, como se ela houvesse perdido recentemente muito peso.

— Ray — disse ela em uma voz sussurrada de conspirador que ele viera a odiar —, Ray, escute...

Ele baixou a cabeça e fingiu arrumar a camisa dentro da calça. Um dos seguranças comia Crations, que tirava de uma lata, e lia uma revista de quadrinhos. Garraty observou o guarda que comia e lia e pensou pela décima milionésima vez: É tudo real. E naquele momento, pelo menos, esse pensamento começou a ganhar algum peso.

— Ainda há tempo para você mudar de ideia...

O medo e a expectativa subiram um ponto.

— Não, não há tempo pra isso — respondeu o rapaz. — A data para desistir foi ontem.

Ela, ainda naquela voz baixa de conspirador que ele odiava:

— Eles compreenderiam, sei que compreenderiam. O major...

— O major faria... — começou Garraty e viu a mãe encolher-se toda. — Você sabe o que o major faria, mamãe.

Outro carro concluía o mesmo ritual, cruzara o portão e estacionara. Um rapaz de cabelos escuros desceu. Os pais seguiram-no e, durante um momento, os três ficaram em conferência, como preocupados jogadores de beisebol. Ele, como alguns dos outros rapazes, trazia uma mochila leve. Garraty conjecturou se não fora um pouco estúpido em não fazer a mesma coisa.

— Você não vai mudar de ideia?

Era culpa, culpa acobertando-se com a face da preocupação. Embora contasse apenas 16 anos de idade, Ray Garraty sabia alguma coisa a respeito de culpa. Ela achou que fora seca demais, cansada demais, ou talvez apenas absorvida demais em suas mágoas mais antigas para deter a loucura do filho no nascedouro — deter antes que a pesada maquinaria do estado, com seus guardas vestidos de cáqui e terminais de computador assumisse o comando, ligando cada vez mais a seu ser insensato a cada dia que passava, até a véspera, quando a tampa caíra com um estrondo final.

O rapaz pôs a mão no ombro da mãe.

— Isto é ideia minha, mamãe. Sei que não foi sua. Eu... — Olhou em volta. Ninguém prestava a menor atenção a eles. — Eu a amo, mas esta maneira é melhor, de qualquer jeito.

— Não é — retrucou ela, nesse momento prestes a chorar. — Ray, não é. Se seu pai estivesse aqui ele botaria um ponto final...

— Bem, ele não está, certo? — Foi brutal, na esperança de evitar que ela se debulhasse em lágrimas... E se os guardas tivessem que arrastá-la dali? Ouvira dizer que isso às vezes acontecia. O pensamento lê-lo sentir frio. Em voz mais suave, disse: — Esqueça isso agora, mamãe, Okay? — Forçou um sorriso. — Okay respondeu por ela.

Embora o queixo ainda lhe tremesse, ela inclinou a cabeça. Não estava certo, mas

era tarde demais. Não havia nada que alguém pudesse fazer a esse respeito.

Um vento leve murmurava através dos pinheiros. O céu era um azul puro. A estrada ficava em frente, bem como o marco simples de pedra que marcava a fronteira entre a América e o Canadá. De repente, a expectativa do rapaz tomou-se maior do que o medo e ele quis começar logo, botar o espetáculo na estrada.

— Fui eu que fiz. Você pode levá-los, não pode? Não são muito pesados, são?

E enfiou nas mãos deles um pacote de biscoitos embrulhados em papel de alumínio.

— Tudo bem.

Aceitou os biscoitos e abraçou-a desajeitado, tentando dar-lhe aquilo que ela precisava ter. Beijou-lhe o rosto. A pele dela parecia seda velha. Durante um momento, teve vontade de ele mesmo chorar. Nesse momento, lembrou-se da face sorridente, do bigode do major, e recuou um passo, enfiando os biscoitos num dos bolsos do uniforme de faxina.

— Adeus, mamãe.

— Adeus, Ray. Seja um bom menino.

A mãe ficou parada ali por um momento e ele teve a sensação de que ela era muito leve, como se até mesmo o fraco sopro da brisa que corria por aquela manhã pudesse levá-la para longe como um dente-de-leão que murchava. Depois, voltou para o carro e deu partida ao motor. Garraty permaneceu no mesmo lugar. A mãe ergueu a mão e acenou, as lágrimas correndo nesse momento. Viu-as. Acenou de volta e, enquanto ela se afastava, ele permaneceu ali, os braços caídos ao lado do corpo, consciente de como devia estar parecendo vistoso, bravo e solitário. Mas quando o carro cruzou novamente o portão, sentiu uma sensação de abandono e novamente foi apenas um rapaz de 16 anos, sozinho em um lugar estranho.

Voltou a olhar para a estrada. O outro rapaz, o de cabelos escuros, observava nesse momento os pais se afastarem. Tinha uma cicatriz feia num dos lados do rosto. Garraty aproximou-se dele e disse alô.

O rapaz moreno olhou-o de soslaio.

— Oi.

— Eu sou Ray Garraty — disse Ray, sentindo-me meio babaca.

— Eu sou Peter McVries.

— Está pronto? — perguntou Garraty.

McVries encolheu os ombros.

— Nervoso. Isso é o pior.

Garraty concordou com uma inclinação de cabeça.

Os dois dirigiram-se para a estrada e o marco de pedra. Atrás deles, outros carros

deixavam o estacionamento. Inesperadamente, uma mulher começou a gritar.

Inconscientemente, Garraty e McVries se aproximaram mais um do outro. Nenhum dos dois olhou para trás. À frente deles estendia-se a estrada, larga e preta.

— Esse composto usado no piso vai ficar quente ao meio-dia — disse bruscamente McVries. — Vou ficar junto do acostamento.

Garraty inclinou a cabeça. McVries fitou-o, pensativo.

— Quanto você pesa?

— Setenta e dois quilos e meio.

— Eu, setenta e seis e meio. Dizem que os caras mais pesados cansam mais depressa, mas acho que estou numa forma muito boa.

Para Garraty, Peter McVries parecia mais do que isso — parecia em perfeita aptidão física. Perguntou a si mesmo quem eram os eles que diziam que caras mais pesados cansavam mais cedo, quase perguntou, mas resolveu que não. O Passeio era uma dessas coisas que existiam em obras apócrifas, talismãs, lendas.

McVries sentou-se à sombra perto de dois outros rapazes e, após um momento, Garraty sentou-se ao lado dele. McVries parecia ter resolvido ignorá-lo inteiramente. Garraty olhou para o relógio. Eram 8:05h. Cinquenta e cinco minutos antes de começar. A impaciência e a expectativa voltaram e fez o melhor que podia para afastá-las, dizendo a si mesmo que desfrutasse o estar sentado ali, enquanto podia.

Todos os rapazes estavam sentados. Sentados em grupos ou sozinhos. Um dos rapazes subira para o ramo mais baixo de um pinheiro por cima da estrada e estava comendo o que parecia um sanduíche de geleia. Era magrelo e louro, usava calça púrpura e camisa azul de cambraia por baixo de uma velha suéter azul fechada por zíper e que tinha buracos nos cotovelos. Gostaria de saber se os magrelos aguentavam ou eram queimados logo.

Os rapazes perto dos quais se sentara, juntamente com McVries, conversavam nesse momento.

— Não vou me apressar — disse um deles. — Por que deveria? Se receber uma advertência, como é que eu fico? Eu me ajusto, só isso. Ajustamento é a palavra-chave aqui. Lembre-se de onde ouviu isso pela primeira vez.

Olhou em volta e descobriu Garraty e McVries.

— Mais cordeiros para o matadouro. Meu nome é Hank Olson. Andar é o meu jogo.

Disse isso sem a menor sombra de um sorriso.

Garraty deu seu nome, com cuidado. McVries mencionou o seu, distraído, ainda olhando para a estrada.

— Eu sou Art Baker — disse o outro, tranquilamente.

Falava com um leve sotaque sulista. Os quatro trocaram apertos de mão.

Após um momento de silêncio, McVries disse:

— Meio assustador, não?

Todos inclinaram as cabeças, menos Hank Olson, que deu de ombros e sorriu. Garraty viu o rapaz no pinheiro terminar o sanduíche, fazer uma bola do papel encerado do embrulho e jogá-la no acostamento de terra da estrada. Ele vai se queimar logo, concluiu. Esse pensamento fê-lo sentir-se um pouco melhor.

— Estão vendo aquele lugar bem junto do marco de pedra? — perguntou de repente Olson.

Todos olharam. A brisa lançava sombras movediças na estrada.

Garraty não teve certeza se estava ou não vendo alguma coisa.

— Aquele é da Longa Marcha do ano atrasado — continuou Olson com sinistra satisfação.

— Um garoto ficou com tanto medo que não conseguiu se mover às 9:00h.

Todos ali pensaram em silêncio no horror daquilo.

— Simplesmente, não conseguia se mover. Recebeu suas três advertências e em seguida, às 9:00h, deram-lhe o bilhete. Ali mesmo, na linha de partida.

Garraty perguntou a si mesmo se suas pernas iam imobilizar-se. Achava que não, mas isso era uma coisa que o cara não sabia com certeza até chegar a hora, e era um pensamento terrível. Especulou sobre o motivo por que Hank Olson trouxera à baila uma coisa tão terrível.

Subitamente, Art Baker levantou-se, espigou-se.

— Lá vem ele.

Um jipe de cor castanha aproximou-se do marco de pedra e parou. Era seguido por um veículo estranho, equipado com esteiras, que se movia muito mais lentamente. Viram discos de radar parecendo de brinquedo montados à frente e atrás da semilagarta. Dois soldados matavam o tempo no estrado em cima e Garraty sentiu um calafrio na barriga quando olhou para eles. Conduziam fuzis de alto calibre do exército.

Alguns rapazes levantaram-se do chão, mas não Garraty. Nem Olson nem Baker e, após um olhar inicial, McVries parecia ter recaído em seus pensamentos. O garoto magrelo no pinheiro balançava indolentemente os pés.

O major desceu do jipe. Era um homem alto, espigado, com um forte bronzeado de deserto que combinava bem com o uniforme cáqui simples. Trazia uma pistola na cartucheira Sam Browne e usava óculos espelhados. Boatejava-se que os olhos do major eram extremamente sensíveis à luz e ele nunca era visto em público sem seus óculos de sol.

— Sentem-se, rapazes — disse ele. — Não esqueçam a Regra Treze.

A Regra Treze: “Conserve energia sempre que possível.”

Sentaram-se os que haviam se levantado. Garraty olhou novamente para o relógio.

Marcava 8:16h e achou que estava um minuto adiantado. O major sempre chegava na hora. Pensou por um momento em atrasá-lo um minuto mas depois esqueceu isso.

— Não vou fazer discurso — começou o major, varrendo-os com a lente vazia que lhe cobria os olhos. — Apresento minhas congratulações ao vencedor entre vocês e presto minha homenagem à coragem dos que perderem.

Virou-se para a parte traseira do jipe. Caiu um silêncio vivo. Garraty respirou fundo o ar da primavera. Faria calor. Seria um dia bom para andar.

O major voltou-se novamente para eles, uma prancheta na mão.

— Quando eu chamar o nome, por favor, deem um passo à frente e recebam seus números. Depois, voltem a seus lugares até a hora da largada. Façam isso rapidamente, por favor.

— Você está no exército agora — disse baixinho Olson com urra sorriso. Garraty, porém, ignorou-o. Não se podia deixar de admirar o major. Seu pai, antes que as Patrulhas chegassem para levá-lo, gostara de chamar o major de o monstro mais raro e mais perigoso que qualquer nação pode produzir, um sociopata apoiado pela sociedade. Mas ele nunca vira o majorem pessoa.

— Aaronson.

Um garoto do campo, baixo e atarracado, pescoço queimado de sol, adiantou-se desajeitado, obviamente apavorado com a presença do major, e recebeu seu grande número 1 plástico. Prendeu-o à camisa com a fita de pressão e o major deu-lhe uma palmadinha nas costas.

— Abraham.

Era um garoto alto, cabelos arruivados, vestido de jeans e camisa de malha. Trazia a jaqueta amarrada em volta da cintura, ao jeito dos escolares, e seus joelhos tremiam loucamente. Olson soltou um risonho.

— Baker, Arthur.

— Sou eu — disse Baker, e levantou-se.

Movia-se com enganoso abandono e deixou Garraty nervoso. Baker ia ser uma parada dura. Baker ia durar muito tempo.

Baker voltou ao seu lugar. Pressionou o número 3 sobre o lado direito do peito.

— Ele lhe disse alguma coisa? — perguntou Garraty.

— Ele me perguntou se estava começando a fazer calor lá na minha região do sul — respondeu timidamente Baker. — Sim, ele... o major falou comigo.

— Não tão quente quanto vai começar a ficar aqui em cima — observou Olson.

— Baker, James — disse o major.

A chamada continuou até as 8:40h e correu tudo bem. Ninguém deu uma de

ausente. No pátio de estacionamento, motores deram partida e alguns carros começaram a sair dali — rapazes da lista de espera que nesse momento voltavam para casa e que assistiriam na TV a cobertura da Longa Marcha. Começou, pensou Garraty, começou realmente.

Ao chegar seu número, o major deu-lhe o número 47 e disse “Boa sorte”. De perto ele tinha um cheiro muito masculino e de certo modo esmagador. Garraty sentiu uma ânsia quase incontrolável de lhe tocar a perna e certificar-se de que ele era real.

Peter McVries recebeu o número 61. Hank Olson foi o 70. Ele ficou mais tempo com o major do que o resto. O major riu de alguma coisa que Olson disse e deu-lhe uma palmada nas costas.

— Eu disse a ele para manter um bocado de dinheiro em reserva — contou Olson, quando voltou. — Ele me disse para fazê-los passar um mau pedaço. Disse que gostava de ver que estava querendo vencer. Faça com que eles passem o diabo, rapaz, disse.

— Muito bom — comentou McVries e piscou para Garraty.

Garraty ficou sem saber o que McVries quisera dizer, piscando daquela maneira. Estaria zombando de Olson?

O nome do garoto magrelo em cima da árvore era Stebbins. Recebeu o número de cabeça baixa, não dizendo uma única palavra ao major, e depois voltou e se sentou à base da árvore. Garraty sentiu-se de alguma forma fascinado por aquele rapaz.

O número 100 era um cara ruivo, de cor vermelho-terrosa. Clamava-se Zuck. Recebeu o número e em seguida todos se sentaram por ali, à espera do que iria acontecerem seguida.

Os três soldados que estavam no alto da semilagarta desceram e começaram a distribuir cintos com bolsos de pressão. Os bolsos estavam cheios de tubos de pastas concentradas de alta energia. Mais soldados apareceram, trazendo cantis. Os competidores afivelaram os cintos e prenderam neles os cantis. Olson pendurou o seu baixo, nas cadeiras, como um pistoleiro, encontrou num dos bolsos uma barra de chocolate Waifa e começou a comê-la.

— Nada mau — disse, sorrindo.

Tomou um gole no cantil, ajudando a descer o chocolate, e Garraty perguntou a si mesmo se Olson estava simplesmente se mostrando, ou se sabia alguma coisa que ele, Garraty, desconhecia.

O major olhou-os, sério. O relógio de Garraty marcava 8:56h — como pudera o tempo correr tanto assim? O estômago mexeu-se, dolorosamente.

— Muito bem, caras, em fila em grupos de dez, por favor. Nenhuma ordem em especial.

Se quiserem, fiquem com seus amigos.

Garraty levantou-se. Sentia-se entorpecido e irreal. Era como se seu corpo nesse

momento pertencesse a alguma outra pessoa.

— Bem, lá vamos nós — disse McVries ao seu lado. — Boa sorte para todos.

— Boa sorte pra você — respondeu surpreso Garraty.

McVries disse então:

— Preciso que essa minha droga de cabeça seja examinada.

Pareceu subitamente pálido e suado, não tão maravilhosamente apto como antes. Estava fazendo força para sorrir, e não conseguindo. A cicatriz sobressaía no seu rosto como um estranho ponto de interrogação.

Stebbins levantou-se e dirigiu-se devagar para a retaguarda da fila de dez de largura e dez de profundidade. Olson, Baker, McVries e Garraty ficaram na terceira fila. Garraty sentiu a boca seca. Pensou se devia ou não beber um pouco de água. Resolveu que não.

Nunca, em toda a vida, estivera tão consciente assim dos pés. Conjeturou se eles ficariam imobilizados e receberia sua multa na linha de partida. E se Stebbins entregaria os pontos logo... Stebbins com seu sanduíche de geleia e calça púrpura. Ou se ele entregaria os pontos primeiro. E o que sentiria se...

O relógio marcava 8:59h.

O major examinava um cronômetro de bolso de aço inoxidável. Ergueu devagar os dedos e tudo ficou suspenso de sua mão. Os cem rapazes observaram-na atentamente em meio ao silêncio terrível e imenso. O silêncio era tudo.

O relógio de Garraty chegou às 9:00h mas a mão no ar não desceu.

Faça isso! Por que ele não fazia?

Sentiu vontade de gritar.

Nesse momento, lembrou-se que seu relógio estava adiantado um minuto. Podia-se acertar o relógio pelo major, apenas não fizera isso, esquecerera.

Os dedos do major baixaram.

— Boa sorte a todos — disse.

O rosto permaneceu impassível e os óculos espelhados esconderam-lhe os olhos. Os competidores começaram a andar suavemente, sem esbarrarem um no outro.

Garraty acompanhou a turma. Não ficara imobilizado. Ninguém ficara. Seus pés ultrapassaram o marco da pedra, em compasso de parada com os de McVries à esquerda e Olson à direita. O som dos passos era muito alto.

É isso, é isso, é isso.

Sentiu uma súbita e insana ânsia de parar. Apenas para ver se eles levavam aquilo realmente a sério. Indignado e um pouco medroso, rejeitou o pensamento.

Saíram da sombra para o sol, o quente sol de primavera. Gostoso. Relaxou, enfiou

as mãos nos bolsos e manteve o passo com McVries. O grupo começou a se espalhar, cada pessoa encontrando seu próprio ritmo e velocidade. A semilagarta seguia barulhenta pelo acostamento de grama, levantando poeira fina. Os minúsculos discos de radar giravam ativamente, monitorando a velocidade de cada competidor com um sofisticado computador de bordo. A baixa velocidade de desligamento era exatamente de 6,4km/h.

— Advertência! Advertência ao 88!

Garraty sobressaltou-se e olhou em volta. Stebbins. Stebbins era o número 88. De repente, teve certeza de que Stebbins ia receber sua multa ali mesmo, ainda à vista da linha de partida.

— Sabido — comentou Olson.

— O quê? — perguntou Garraty.

Teve que fazer um esforço consciente para mover a língua.

— O cara recebe uma advertência enquanto ainda está descansado e faz uma ideia de onde fica o limite. E ele pode cancelar isso fácil, fácil. Se anda uma hora sem receber nova advertência, você cancela uma das antigas. Você sabe disso.

— Claro que sei — respondeu Garraty. Isso estava no livro das regras, Davam ao cara três advertências. Na quarta vez em que o cara ficava abaixo dos 6,4km... bem, ele ficava fora da Marcha. Mas se recebera três advertências e conseguia caminhar por três horas, voltava a concorrer.

— De modo que ele agora sabe — observou Olson. — Às 10:02h, ele está novamente limpo.

Garraty continuou a andar em bom ritmo. Estava se sentindo bem. A linha de partida desapareceu de vista quando subiram uma colina e começaram a descer para um vale comprido, pontilhado de pinheiros. Aqui e ali viam campos retangulares, com a terra recentemente movida.

— Batatas, segundo me disseram — observou McVries.

— As melhores do mundo — respondeu automaticamente Garraty.

— Você é do Maine? — perguntou Baker.

— Sou, do sul do estado.

Olhou para a frente. Vários rapazes haviam se destacado do grupo principal, fazendo talvez 9,6km/h. Dois deles usavam casacos de couro idênticos, com o que pareciam ser águias nas costas. Era uma tentação estugar o passo, mas Garraty recusou-se a apressar-se. “Conserve energia sempre que puder.” Regra 13.

— A estrada passa perto de sua cidade natal? — perguntou McVries.

— A mais ou menos 11km de um lado. Acho que minha mãe e minha namorada vão aparecer por lá para me ver. — Após uma pausa, acrescentou alegremente: — Se eu ainda estiver andando, claro.

— Não teremos percorrido nem 40km ainda quando chegarmos ao sul do estado — observou Olson.

Um silêncio caiu entre eles a essas palavras. Garraty sabia que não era assim e achou que Olson sabia, também.

Dois outros garotos receberam advertências e, a despeito do que Olson dissera, o coração de Garraty saltou a cada vez. Olhou para trás à procura de Stebbins. Ele continuava na rabeira, e comendo outro sanduíche de geleia. Viu um terceiro sanduíche projetando-se do bolso da suéter verde esmolambada. Garraty pensou se a mãe dele preparara aqueles sanduíches e lembrou-se dos biscoitos que a mãe lhe dera — enfiando os com torça em sua mão, como se para afastar os maus espíritos.

— Por que é que não deixam que pessoas assistam ao começo da Longa Marcha? — perguntou Garraty.

— Prejudica a concentração dos Competidores — disse uma voz seca.

Garraty virou a cabeça. Era um rapaz moreno, baixo, de expressão séria, o número 5 colado à gola da jaqueta. Garraty não conseguiu lembrar-se do nome dele.

— Concentração? — perguntou.

— Isso mesmo — O rapaz adiantou-se e começou a andar ao lado de Garraty. — O major disse que é muito importante concentrar-se na calma, no início da Longa Marcha.

Empurrou pensativamente com o polegar a ponta do nariz bastante afilado. Havia ali uma espinha vermelha, brilhante. — Concordo. Agitação, multidões, TV, depois. Neste exato momento, o que precisamos é de localização. — Olhou para Garraty com os olhos escuros encapuçados e repetiu: — Focalização.

— Tudo o que estou focalizando agora é pegar umas garotas e meter nelas — disse Olson.

O número 5 deu a impressão de se sentir insultado.

— Você tetra que se ritmar. Tem que focalizar-se em si mesmo. Você precisa ter um plano. Meu nome é Gary Barkovitch, por falar nisso. Moro em Washington, D.C.

— E o meu nome é John Carter — respondeu Olson. — Eu moro em Barsoom, Marte.

Barkovitch encrespou o lábio em uma expressão desdenhosa e atrasou o passo.

— Há um cuco em todo relógio, acho — disse Olson.

Garraty, porém, pensou que Barkovitch estava pensando com grande clareza pelo menos até que um dos guardas gritou “Advertência! Advertência número 5!”, uns cinco minutos depois.

— Estou com uma pedra no sapato! — disse irascivelmente Barkovitch.

O soldado não respondeu. Desceu da semilagarta e se postou no acostamento da estrada, em frente a Barkovitch. Tinha na mão um cronômetro de aço inoxidável igual

ao do major. Barkovitch parou inteiramente e tirou o sapato. Sacudiu dele um pequeno seixo.

Moreno, sério, a face encovada, azeitonada, lustrosa de suor, não deu atenção quando o soldado disse em voz alta: “Segunda advertência, número 5!” Em vez disso, alisou com todo cuidado a meia sobre o arco do pé.

— Oh, oh — disse Olson.

Todos eles haviam se virado e estavam andando de costas.

Stebbins, ainda na rabeira, passou por Barkovitch, mas sem olhá-lo. Nesse momento

Barkovitch ficou isolado, ligeiramente à direita da linha branca, voltando a dar o laço no sapato.

— Terceiro aviso, número 5. Aviso final.

Surgiu alguma coisa na barriga de Garraty que lhe pareceu uma pegajosa bola de muco.

Não queria olhar, mas não podia desviar a vista. Não estava conservando energia sempre que possível andando assim, de costas, mas também não pôde evitar isso. Quase que podia sentir os segundos de Barkovitch diminuindo e desaparecendo.

— Oh, poxa — disse Olson. — Aquele merda burro vai receber sua multa.

Mas Barkovitch logo se levantou. Espanou um pouco da poeira da estrada de cima dos joelhos. Depois, iniciou um trote, emparelhou-se com o grupo, e voltou a seu passo de marcha. Passou por Stebbins, que continuou a não olhá-lo, e emparelhou-se com Olson.

Sorriu, os olhos castanhos faiscando.

— Viu? Simplesmente consegui um descanso. Está tudo no meu plano.

— Talvez você pense assim — respondeu Olson, a voz mais alta do que o habitual. — Tudo que vi foi que você recebeu três advertências. Por sua merda de minuto e meio você vai ter que andar três... merdas... de horas. E por quê, com todos os diabos, você precisava de descanso? A gente apenas começou, pelo amor de Deus!

Barkovitch pareceu insultado. Virou olhos ardentes para Olson.

— Vamos ver quem recebe sua multa primeiro — disse. — Está tudo em meu plano.

— Seu plano e a coisa que sai de meu cu têm uma suspeita semelhança entre si disse Olson.

Baker soltou uma risadinha.

Com uma fungadela, Barkovitch passou por eles.

Olson não conseguiu resistir a uma observação de despedida:

— Simplesmente, não tropece, meu chapa. Não vão adverti-lo novamente. Vão simplesmente...

Barkovitch nem mesmo olhou para trás e Olson calou-se, enojado.

Às 9:13h pelo relógio de Garraty (ele se dera ao trabalho de atrasá-lo em um minuto), o jipe do major apareceu no alto da colina que eles haviam acabado de descer. Passou por eles usando o acostamento oposto ao que era usado pela lenta semilagarta e levou aos lábios um alto-falante a bateria:

— É um prazer anunciar que vocês concluíram os primeiros 1.600 metros da jornada, rapazes. Gostaria também de lembrar a vocês que a mais longa distância que um grupo completo de Competidores percorreu foi de 12,4km. Tenho esperança de que vocês superem essa marca.

O jipe acelerou à frente do grupo. Olson pareceu estar analisando essa informação com espanto atordoado, mesmo temeroso. Menos de treze quilômetros, pensou Garraty. Não era nem de perto tão longe quanto teria imaginado. Não esperara que ninguém — nem mesmo Stebbins — recebesse uma multa até fins da tarde, no mínimo. Pensou em Barkovitch. Tudo o que ele teria que fazer era cair abaixo da velocidade na hora seguinte.

— Ray? — Era Art Baker quem falava. Tirara o casaco e o pendurara num braço. Alguma razão particular por que você se inscreveu na Longa Marcha?

Garraty soltou o cantil e tomou um rápido gole. Fria e gostosa. Deixou gotas de umidade no lábio superior e lambeu-as. Era bom, era bom sentir coisas como essas.

— Realmente, não sei — respondeu, dizendo a verdade.

— Eu, também não. — Baker pensou por um momento. — Você fazia esporte de pista ou coisa parecida? Na escola?

— Não.

— Nem eu. Mas acho que isso não tem importância, certo? Não, agora.

— Não, agora, não — concordou Garraty.

A conversa diminuiu. Passaram por uma pequena aldeia com um desses armazéns do interior e uma bomba de gasolina. Dois velhos sentados em cadeiras de desarmar fora da bomba de gasolina observaram-nos passar com aqueles olhos encapuçados e reptilianos dos muito idosos. Nos degraus do armazém, uma mulher moça ainda ergueu alto o filho pequenino para que ele os visse passar. E uns dois garotos mais velhos, por volta dos 12 anos, pensou Garraty, seguiram-nos desejosamente com os olhos até que eles desapareceram.

Alguns rapazes começaram a especular sobre quantos quilômetros haviam percorrido.

Chegou a informação de que uma segunda lenta semilagarta fora enviada para cobrir a marcha da meia dúzia de rapazes que estava na vanguarda... Nesse momento,

não podiam mais ser avistados. Alguém disse que eles estavam fazendo 11,2km por hora.

Outro disse que eram 16km. Mas alguém lhes disse com ares de autoridade que o cara lá na frente estava começando a atrasar e que fora advertido duas vezes. Garraty perguntou a si mesmo por que não o alcançavam, se isso era verdade.

Olson terminou a barra de chocolate Waifa que começara na fronteira e bebeu um pouco de água. Outros estavam comendo, também, mas Garraty resolveu esperar até ficar realmente com fome. Ouvira dizer que os concentrados eram muito bons. Os astronautas usavam-nos quando partiam para o espaço.

Um pouco depois das 10:00h passaram por uma tabuleta que dizia LIMESTONE 16km.

Garraty lembrou-se da única Longa Marcha que o pai o deixara ver. Haviam ido a Freeport e observaram-nos quando eles passaram. A mãe estivera com eles. Os Competidores estavam cansados, de olhos encovados e mal notaram os aplausos, os acenos e os hurras constantes enquanto pessoas ovacionavam seus favoritos e aqueles em quem haviam apostado. Seu pai lhe dissera mais tarde naquele dia que havia espectadores na estrada desde Bangor. Na região alta a coisa não era tão interessante e a estrada era rigorosamente isolada — talvez para que eles pudessem se concentrar na calma, como dissera Barkovitch. Mas à medida que o tempo passava, a estrada melhorava, claro.

Quando os Competidores passaram por Freeport naquele ano já estavam na estrada há 72 horas. Garraty tinha dez anos na ocasião e ficara impressionadíssimo com tudo aquilo. O major fizera um discurso para a multidão enquanto os rapazes se encontravam ainda a 8km da cidade. Começara com Competição, passara ao Patriotismo e terminara com alguma coisa chamada Produto Nacional Bruto. Garraty rira ao ouvir isso porque, para ele, bruto significava alguma coisa ruim, como fanchona. Comera seis cachorros-quentes e quando finalmente viu os Competidores havia molhado a calça.

Um dos rapazes estivera gritando. Essa era sua recordação mais vívida. Cada vez que baixara o pé, gritara: Não posso. NÃO POSSO. Não posso. NÃO POSSO. Mas continuara a andar. Antes de muito tempo todos haviam passado por L.L. Bean na Estrada Federal 1 e desapareceram. Garraty ficara levemente desapontado por não ter visto ninguém receber a multa. Nunca mais haviam assistido a outra Longa Marcha.

Mais tarde naquela noite, ouvira o pai falando embolado ao telefone, da maneira que fazia quando estivera bebendo ou falando em política, e sua mãe no fundo falando em seu sussurro conspiratório, implorando-lhe que parasse, por favor, parasse com aquilo, antes que alguém identificasse a linha do partido.

Bebeu mais um pouco d'água e pensou em como estava indo Barkovitch.

Nesse momento, passavam por mais casas. Sentadas nos gramados em frente às casas, famílias sorriam, acenavam, bebendo Coca-Cola.

— Garraty — disse McVries —, poxa, poxa, veja só o que você arranhou.

Uma moça bonita de uns 16 anos de idade, usando blusa branca e calça três quartos erguia alto uma tabuleta escrita com pincel mágico: PRA FRENTE-PRA FRENTE GARRATY, NÚMERO 47 Nós amamos você, Ray, “Favorito do Maine”.

Garraty sentiu o coração inchar. De repente, teve certeza de que ia vencer. A garota desconhecida provaria isso.

Olson assoviou baixinho e começou a enfiar e tirar rapidamente o dedo indicador da outra mão, levemente fechada. Garraty achou que era uma coisa muito doentia o que ele estava fazendo.

O diabo que levasse a Regra 13. Correu para o lado da estrada. A moça viu-lhe o número e soltou um grito agudo. Lançou-se a ele e beijou-o com força. Garraty ficou de repente em um assanhamento suado. Beijou-a também vigorosamente. A boca, delicadamente, enfiou duas vezes a língua em sua boca. Mal sabendo o que estava fazendo, colocou uma das mãos numa nádega redonda e apertou-a suavemente.

— Advertência! Advertência, número 47!

Garraty recuou e sorriu.

— Obrigado.

— Oh... oh... de nada!

Os olhos dela estavam iluminados.

Tentou pensarem mais alguma coisa para dizer, mas viu o soldado abrindo a boca para lhe fazer a segunda advertência. Voltou trotando para seu lugar, arquejando um pouco e sorrindo. Mas, ainda assim, sentiu-se um pouco culpado por ter ignorado a Regra 13.

Olson também estava sorrindo.

— Por aquilo eu teria topado três advertências.

Garraty não respondeu, mas virou-se e andou de costas, acenando para a garota. Quando ela desapareceu de vista, deu a volta sobre si mesmo e voltou a caminhar em passos firmes. Uma hora, antes que sua advertência fosse cancelada. Tinha que ter cuidado para não receber outra. Mas sentia-se bem. Sentia-se apto. Achava que podia andar até a Flórida. Começou a andar mais rápido.

— Ray — disse McVries, ainda sorrindo —, por que essa pressa toda?

Sim, estava certo. Regra 6: Devagar você chega lá.

— Obrigado.

McVries continuou a sorrir.

— Não me agradeça demais. Eu também estou aqui para vencer.

Garraty fitou-o, desconcertado.

— Quero dizer, não vamos levar esta coisa na base dos Três Mosqueteiros. Gosto de você e é óbvio que você é um grande sucesso com moças bonitas. Mas se você cair, não vou levantá-lo do chão.

— É isso — disse Garraty, sorrindo em resposta, mas um sorriso capenga.

— Por outro lado — disse Baker em voz arrastada —, nós estamos nisto juntos e bem que podemos nos divertir uns aos outros.

McVries sorriu.

— Por que não?

Chegaram a uma ladeira e economizaram o fôlego para andar. A meio caminho, Garraty tirou a jaqueta e pendurou-a no ombro. Momentos depois, passaram pela suéter que alguém deixara cair na estrada.. Naquela noite, pensou Garraty, alguém ia desejar tê-la ainda. À frente, uns dois Competidores que estavam na dianteira começaram a perder terreno.

Garraty concentrou-se em emparelhar-se com eles e passá-los. Ainda se sentia bem.

Ainda se sentia forte.

CAPÍTULO 2

“Agora você tem o dinheiro, Ellen, e pode ficar com ele. A menos, claro, que queira trocá-lo pelo que está atrás da cortina.”

— MONTY HALL,
Let's Make a Deal

— Eu sou Harkness, número 49. Você é Garraty, número 47. Certo?

Garraty olhou para Harkness, que usava óculos e tinha cabelo de recruta. O rosto de Harkness estava vermelho e suado.

— Certo.

Harkness tinha na mão uma caderneta. Nela escreveu o nome e o número de Garraty. O cursivo dele era estranho e irregular, as letras subindo e descendo enquanto ele andava.

Trombou com um cara chamado Colhe Park, que lhe disse, merda, olhe para onde está indo. Garraty abafou um sorriso.

— Estou anotando o nome e o número de todo mundo — disse Harkness.

Quando levantou a vista, o sol de meados da manhã faiscou nas lentes dos óculos, e Garraty teve que apertar os olhos para ver o rosto. Eram 10:30h e estavam a 12,8km de Limestone e tinham que percorrer apenas mais 2,8km para bater o recorde de maior distância coberta por um grupo completo da Longa Marcha.

— Acho que você está curioso para saber por que estou anotando o nome e o número de todo mundo — disse Harkness.

— Você faz parte dos Esquadrões — disse em tom de piada Olson, por cima do ombro dele.

— Não. Vou escrever um livro — respondeu cordialmente Harkness. — Quando tudo isto acabar, vou escrever um livro.

Garraty sorriu.

— Se vencer, você vai escrever um livro, é isso o que você quer dizer.

Harkness deu de ombros.

— Sim, acho que sim. Mas olhe o caso deste ângulo: um livro sobre a Longa Marcha escrito por alguém que dela participou pode me fazer rico.

McVries explodiu numa gargalhada.

— Se vencer, você não vai precisar de um livro para torná-lo rico.

Harkness franziu as sobrancelhas.

— Bem... acho que não. Mas ainda assim daria um livro danado de interessante,

acho.

Continuaram a andar e Harkness continuou a anotar nomes e números. A maioria os deu de boa vontade, brincando a respeito do grande livro.

Nesse momento haviam percorrido 9,6km. Chegou a notícia de que pareciam boas as probabilidades de quebra do recorde. Garraty pensou por um momento por que eles deveriam querer quebrar o recorde. Quanto mais rápido diminuísse a concorrência, melhores as probabilidades dos que continuavam na prova. Acho que era uma questão de orgulho. Chegou também a notícia de que aguaceiros eram previstos para a tarde.

Alguém tinha um rádio transistor, pensou. Se verdade, isso era uma má notícia. Os aguaceiros de princípios de maio não eram os mais quentes.

Continuaram a andar.

McVries andava em passos firmes, mantendo a cabeça alta e balançando ligeiramente os braços. Tentara o acostamento, mas a areia frouxa ali fizera-o desistir. Não fora avisado e se a mochila estava lhe criando problema ou esfolamento, não deu sinais disso.

Conservava sempre os olhos indagadores no horizonte. Quando passavam por pequenos grupos de pessoas, acenava e sorria aquele seu sorriso de lábios finos. Não mostrava sinais de cansaço.

Baker continuava a andar, movendo-se em um tipo de arrastamento com os joelhos flexionados que parecia cobrir o terreno quando ninguém estava olhando. Balançava preguiçosamente o casaco, sorria para as pessoas que apontavam e às vezes assoviava um baixo trecho de alguma música. Garraty pensou que ele dava a impressão de que poderia continuar para sempre.

Olson não estava mais conversando tanto e a cada poucos momentos dobrava um joelho rapidamente. Em todas as ocasiões, Garraty ouvia a articulação estalar. Olson estava endurecendo um pouco, pensou, começando a mostrar o esforço de uma marcha de 9,6km. Achou que um dos cantos dele devia estar quase vazio. Olson teria que urinar antes de muito tempo.

Barkovitch mantinha o mesmo ritmo errático, ora à frente do grupo principal, como se quisesse se emparelhar com os Competidores do pelotão avançado, ora caindo para a posição de Stebbins na rabeira. Cancelou uma de suas três advertências, e voltou a recebê-la cinco minutos mais tarde. Garraty chegou à conclusão de que ele gostava de andar à beira de coisa nenhuma.

Stebbins simplesmente continuava a andar no seu próprio ritmo. Garraty não o vira trocar palavra com ninguém. Teve vontade de saber se Stebbins estava se sentindo cansado ou solitário. Ainda pensava que Stebbins entregaria os pontos logo — talvez fosse o primeiro — embora não soubesse por que pensava assim. Stebbins tirara a velha suéter verde e levava na mão o último sanduíche de geleia. Não olhava para ninguém.

Seu rosto era uma máscara.

Continuaram a andar.

A estrada era cortada por outra e policiais detiveram o tráfego, enquanto os Competidores passavam. Prestaram continência a todos os Participantes e uns dois meninos, seguros de sua impunidade, fizeram gestos imorais. Garraty não gostou disso.

Sorriu e inclinou a cabeça ao receber as continências e conjecturou se a polícia pensava que todos eles eram loucos.

Os carros buzonavam. Uma mulher gritou para o filho. Estacionara ao lado da estrada, e aparentemente queria certificar-se de que seu garoto continuava na Marcha.

— Percy! Percy!

Ele era o número 31. Enrubesceu, acenou um pouco e em seguida continuou a andar, apressado, a cabeça ligeiramente encurvada. A mulher tentou correr para a estrada. Os guardas no alto da semilagarta endureceram, mas um dos policiais pegou-a pelo braço e conteve-a com suavidade. Em seguida, a estrada descreveu uma curva e o cruzamento desapareceu da vista.

Passaram por uma ponte de madeira. Um pequeno riacho gorgolejava embaixo. Garraty aproximou-se do balaústre e, olhando por cima, viu por um curto momento a imagem distorcida de seu próprio rosto.

Deixaram para trás uma tabuleta que dizia LIMESTONE 11,2km e a seguir sob uma faixa ondeante com os dizeres LIMESTONE ORGULHA-SE DE DAR AS BOASVINDAS AOS PARTICIPANTES DA LONGA MARCHA. Garraty achou que deviam estar a menos de 1,5km da quebra do recorde.

Mas nesse momento chegou uma notícia e desta vez sobre um rapaz chamado Curley, número 7. Curley estava com um estiramento e já recebera sua primeira advertência.

Garraty estugou o passo e emparelhou-se com McVries e Olson.

— Onde está ele?

Olson indicou com o polegar um rapaz magrelo, desengonçado, vestido de blue jeans.

Curley andara tentando criar costeletas. Que não haviam crescido. O rosto magro e sério nesse momento apresentava rugas de terrível concentração e ele olhava fixamente para a perna direita. Estava poupando-a. Perdia terreno e o rosto mostrava isso.

— Advertência! Advertência, número 7!

Curley obrigou-se a andar mais rápido. Arquejava um pouco. Tanto de medo quanto de esforço, pensou Garraty, que perdeu toda noção de tempo. Esqueceu tudo, menos Curley. Observou-o lutar, compreendendo de forma vaga que aquela poderia ser sua luta dentro de uma hora ou de um dia.

Era o espetáculo mais fascinante que já presenciara.

Curley atrasou-se, devagar, e várias advertências foram feitas a outros participantes antes que o grupo se desse conta de que estava ajustando sua velocidade na fascinação por aquilo. O que significava que Curley estava quase no seu limite.

— Advertência! Advertência, número 7! Terceira advertência, número 7!

— Estou com um estiramento! — gritou, rouco, Curley. — Isso não é justo, se a pessoa está com um estiramento!

Nesse momento ele estava quase junto de Garraty, que viu o pomo-de-adão de Curley subir e descer. Curley massageava freneticamente a perna. E Garraty sentiu o pânico desprendendo-se dele em ondas e aquilo era como um limão maduro, recém-cortado.

Começou a adiantar-se e logo depois Curley exclamou:

— Graças a Deus! Está melhorando!

Ninguém disse nada. Garraty sentiu um irritado desapontamento. Era vil e antiesportivo, pensou, mas queria ter certeza de que alguém receberia uma multa antes dele. Quem quer deixar uma prova em primeiro lugar?

O relógio marcava nesse momento 11:05h. Pensou que isso significava que haviam quebrado o recorde, calculando duas horas multiplicadas por 6,4km. Chegariam logo a Limestone. Viu Olson flexionar inicialmente um joelho e em seguida o outro. Curioso, tentou ele mesmo fazer isso. As juntas do joelho estalaram audivelmente e ficou surpreso ao descobrir quanto enrijecimento se acumulara ali. Ainda assim, os pés não doíam. Isso era alguma coisa.

Passaram por um caminhão de leite na entrada de uma pequena estrada vicinal de terra.

Sentado no capô do caminhão, o leiteiro acenou bem-humorado:

— Aguentem aí, rapazes.

Garraty sentiu uma súbita raiva. E vontade de gritar: Porque não tira essa bulida gorda daí de cima e vem andar conosco? O leiteiro, porém tinha mais de 18 anos. Na verdade, estava muito além dos 30. Era um velho.

— Muito bem, todo mundo, cinco minutos de descanso — disse de repente Olson, provocando riso em alguns.

O caminhão de leite desapareceu de vista. Nesse momento começaram a aparecer mais policiais e pessoas tocando as buzinas de seus carros e acenando. Alguém jogou confete neles. Garraty começou a sentir-se importante. Ele era, afinal de contas, “O Orgulho do Maine”.

Inesperadamente, Curley soltou um grito. Garraty olhou para trás, por cima do ombro.

Viu Curley dobrado em dois, segurando a perna e gritando. De alguma maneira,

incrivelmente, ele continuava a andar, mas muito devagar. Devagar demais.

Tudo ali começou a mover-se lentamente, como se para acompanhar a maneira como Curley andava. Os soldados na parte traseira da lenta semilagarta ergueram suas armas. A multidão arquejou; como se não tivesse sabido que a coisa era assim, e os Competidores também, como se não tivessem sabido, e Garraty arquejou com eles, mas claro que soubera, claro que todos sabiam, era tudo muito simples. Curley ia receber sua multa.

Travas de segurança deram pequenos estalidos. Como aves assustadas, os rapazes que estavam em volta de Curley dispersaram-se. Ele ficou de repente sozinho na estrada inundada de sol.

— Não é justo! — gritou ele. — Simplesmente, não é justo!

Os rapazes entraram numa clareira sombreada, alguns olhando para trás, outros olhando fixamente para a frente, com medo de ver. Garraty olhava. Tinha que olhar. Os espectadores dispersos que acenavam haviam caído no silêncio, como se alguém os houvesse simplesmente desligado.

— Não é...

Quatro fuzis dispararam nesse momento. Com grande estrondo. O som viajou como se fosse uma bola de boliche, atingiu as colinas e voltou.

A cabeça angulosa, cheia de espinhas de Curley, desapareceu e transformou-se numa massa de sangue, cérebro e fragmentos de crânio. O que sobrou dele caiu para a frente sobre a linha branca da estrada como se fosse um saco de correspondência.

Noventa e nove agora, pensou nauseado Garraty. Noventa e nove garrafas de cerveja em cima do muro e se uma daquelas garrafas por acaso caísse... oh, Jesus... oh, Jesus...

Stebbins passou por cima do cadáver. O pé escorregou numa poça de sangue e o passo seguinte com aquele pé deixou uma trilha sangrenta na estrada, tal como uma fotografia na revista *Official Detective*. Stebbins não olhou para baixo, para o que sobrara de Curley. Nem mudou a expressão de seu rosto. Stebbins, seu filho da puta, pensou Garraty, todo mundo esperava que você fosse o primeiro, não sabia? Mas depois mudou a vista. Não queria sentir-se mal. Não queria vomitar.

Uma mulher que estava ao lado de um ônibus Volkswagen enterrou o rosto nas mãos.

Sua garganta emitiu estranhos ruídos. Garraty descobriu que podia olhar de baixo para cima do vestido dela, até a calcinha. Calcinha azul. Inexplicavelmente, descobriu que estava novamente excitado. Um homem gordo, careca, olhava para Curley enquanto esfregava freneticamente uma verruga ao lado da orelha. Passou a língua pelos lábios grossos e grandes e continuou a olhar, esfregando a verruga. Continuava olhando quando Garraty passou por ele.

A marcha prosseguiu. Quando deu por si, Garraty estava andando novamente ao

lado de Olson, Baker e McVries. Era quase como se estivessem se protegendo mutuamente.

Nesse momento, todos eles olhavam diretamente para a frente, conservando, com todo cuidado, os rostos sem expressão. O eco dos fuzis parecia ainda reverberar no ar.

Garraty continuou a pensar nas pegadas sangrentas deixadas pelo tênis de Stebbins.

Teve curiosidade em saber se continuava a deixar marcas vermelhas no chão e quase virou a cabeça para olhar, mas controlou-se e disse a si mesmo para não ser idiota. Mas não pôde deixar de pensar nisso. E a pensar se aquilo doera em Curley. Se Curley sentira as balas com ponta de gás penetrarem em seu corpo ou se ele estivera simplesmente vivo num segundo e morto no outro.

Mas claro que doera. Doera, antes, na pior e mais destruidora maneira, sabendo que não haveria mais você, mas que o universo continuaria a rolar do mesmo jeito, intacto e livre.

Chegou o aviso de que haviam percorrido quase 14km antes de Curley ter comprado sua passagem final. Dizia-se que o major estava contentíssimo. Garraty pensou consigo mesmo: como, diabo, alguém pode saber onde o major está?

Olhou para trás, subitamente, querendo saber o que estava sendo feito com o corpo de Curley. mas já haviam entrado em outra curva da estrada. Curley não podia mais ser visto.

— O que é que você tem aí na mochila? — perguntou subitamente Baker a McVries.

Estava fazendo um esforço para manter a voz rigorosamente neutra, mas ela saiu alta e fina, quase no ponto de rompimento.

— Uma camisa limpa — respondeu McVries. — E alguns hambúrgueres de carne crua.

— Hambúrgueres de carne crua... — disse Olson, fazendo cara de nojo.

— Energia boa e rápida em hambúrgueres de carne crua — explicou McVries.

— Você está brincando. Vai vomitar por todo lado.

McVries simplesmente sorriu.

Garraty desejou ter, ele também, trazido alguns hambúrgueres de carne crua. Não sabia de coisa alguma sobre energia rápida, mas gostava de hambúrgueres de carne crua. Era melhor do que tabletes de chocolate e concentrados. Subitamente, pensou nos biscoitos, mas, depois do que acontecera a Curley não tinha muita fome. Depois do que acontecera a Curley poderia, realmente, ter pensado em comer hambúrgueres de carne crua?

A notícia de que um dos Competidores recebera sua multa correu pelos espectadores e, por alguma razão, eles começaram a aplaudir ainda mais alto. Aplausos

que estalavam como pipoca. Garraty pensou se era ou não embaraçoso ser morto na frente de pessoas e chegou à conclusão de que o cara, quando chegava a hora, não dava a mínima bola para tal detalhe. Curley tampouco parecera preocupar-se no mínimo com isso. Tinha que urinar, porém. Seria ruim. Resolveu não pensar no caso.

Os ponteiros do relógio estavam nesse instante parados no meio-dia. Cruzaram uma ponte de ferro enferrujado que passava por cima de uma ravina alta e seca e encontraram no outro lado um cartaz: VOCÊS ESTÃO ENTRANDO NOS LIMITES DA CIDADE DE LIMESTONE — SEJAM BEM-VINDOS, CAMINHANTES!

Alguns rapazes deram vivas, Garraty, porém, economizou o fôlego.

A estrada alargou-se e os participantes se espalharam confortavelmente e o grupo afrouxou ligeiramente o passo. Final de contas, nesse momento Curley ficara uns 4,5km para trás.

Tirou os biscoitos da mochila e durante alguns momentos girou nas mãos o embrulho de papel de alumínio. Pensou com saudade na mãe, mas depois reprimiu esse sentimento.

Veria a mãe e Jan em Freeport. Elas haviam prometido isso. Comeu um biscoito e sentiu-se melhor.

— Quer saber de uma coisa? — disse McVries.

Garraty sacudiu a cabeça. Tomou um gole no cantil e acenou para um casal idoso, sentado ao lado da estrada, e que mostrava um pequeno cartaz que dizia GARRATY.

— Não tenho a mínima ideia do que vou querer se ganhar esta prova — continuou McVries. — Não há nada de que eu realmente necessite. Quero dizer, não tenho uma mãe velha e doente inválida em casa ou um pai ligado a uma máquina renal, ou qualquer coisa assim. E nem mesmo um irmãozinho morrendo tristemente de leucemia.

Soltou uma risada e tirou o cantil do suporte.

— Você tem um bom argumento aí — concordou Garraty.

— Você quer dizer, eu não tenho nenhum argumento. Esta coisa toda não faz sentido.

— Você não está realmente falando sério — respondeu confiante Garraty. — Se tivesse que recomeçar tudo isto...

— Sim, sim, eu ainda faria, mas...

— Hei! — O rapaz que ia à frente deles, Pearson, apontou: — Calçadas!

Estavam finalmente entrando na cidade propriamente dita. Belas casas recuadas da estrada como que os olhavam da posição privilegiada de gramados verdes que subiam.

Os gramados estavam cheios de gente, acenando e aplaudindo. Achou que quase todos ali estavam sentados. Sentados no chão, em cadeiras de gramado, como os velhos

que vira na bomba de gasolina, sentidos em cima de mesas de piquenique. Sentados mesmo em balanços e escorregas de terraço. Sentiu uma pontada de raiva ciumenta.

Continuem e aplaudam até se cansarem. O diabo me leve se eu responder mais. Regra 13. Conserve energia sempre que possível.

Mas terminou por chegar à conclusão de que estava sendo tolo. Podiam pensar que ele estava ficando proa. Ele era, afinal de contas, “O Favorito do Maine”. Resolveu que ia acenar para todas as pessoas que portassem cartazes com a palavra GARRATY. E para todas as moças bonitas.

Ruas secundárias e cruzamentos passaram ininterruptamente. Sycamore Street e Clark Avenue, Exchange Street e Juniper Lane. Deixaram para trás um armazém de esquina com um anúncio de cerveja Narragansett na vitrina e uma loja de “tudo até 55 centavos” cheia de fotos do major.

Havia pessoas nas calçadas, mas poucas. No todo, ficou desapontado. Sabia que as verdadeiras multidões apareciam mais adiante, mas aquilo de certo modo parecia-se com um buscapé molhado. E o pobre Curley perdera mesmo isso.

O jipe do major saiu subitamente de uma rua lateral e começou a acompanhar o grupo principal. A vanguarda continuava ainda alguma distância à frente.

Explodiu uma tremenda salva de palmas. O major inclinou a cabeça, sorriu e acenou para a multidão. Depois; fez uma meia-volta para a esquerda e saudou os rapazes.

Garraty sentiu um arrepio subir pela espinha. Os óculos de sol do major brilharam à luz de começos da tarde.

Em algum lugar às suas costas, uma voz disse, baixinho mas distintamente:

— Santa merda.

Virou a cabeça, mas não havia ninguém ali, apenas quatro ou cinco rapazes observando atentos o major (um deles deu-se conta de que estava fazendo continência e baixou a mão, embaraçado) e Stebbins, que não parecia nem mesmo estar olhando para o major.

O jipe adiantou-se com um rugido do motor. Um momento depois, o major desapareceu.

Chegaram ao centro de Limestone por volta de 12:30h. Ficou desapontado. Aquilo se parecia muito com uma cidadezinha que só tinha um hidrante. Havia uma rua de lojas, três pátios de venda de carros usados, um McDonalds, um Burger King e um Pizza Hut, além de um parque industrial, e isso era Limestone.

— Não é lá muito grande, é? — disse Baker.

Olson riu.

— Provavelmente, é um bom lugar para se morar — disse em tom de justificativa Garraty.

— Deus me livre de bons lugares para morar — disse McVries, mas estava sorrindo.

— Bem, bom pra morar é aquilo que dá tesão na gente — disse Garraty, meio sem jeito.

O terreno tornou-se mais acidentado. Sentiu o primeiro verdadeiro suor do dia começando a lhe ensopar o corpo. A camisa colou-se às costas. À direita, nuvens de chuva começavam a se formar, mas estavam ainda muito longe. Soprava uma brisa leve e isso ajudava um pouco.

— Qual é a próxima grande cidade. Garraty? — perguntou McVries.

— Caribou, acho.

Estava pensando se Stebbins já comera seu último sanduíche. Stebbins se metera em sua cabeça como um trecho de música pop que continua a reaparecer até que o cara pensa que vai ficar louco com aquilo. O relógio marcava 1:30h. A Longa Marcha já cobrira 26,5km.

— A que distância fica?

Garraty pensou em qual seria o recorde para quilômetros percorridos com um único participante eliminado. Vinte e seis quilômetros e meio pareceu-lhe uma marca muito boa. Vinte seis quilômetros e meio era um número do qual um homem teria motivos para se orgulhar. Eu andei 26,5km. Vinte e seis quilômetros e meio.

— Eu disse... — começou pacientemente McVries.

— Talvez uns 48km a partir daqui.

— Quarenta e oito quilômetros — repetiu Pearson. — Jesus!

— É uma cidade maior do que Limestone — explicou Garraty.

Continuava ainda a sentir-se na defensiva, só Deus sabia por quê. Talvez porque tantos daqueles rapazes morreriam ali, talvez todos eles. Provavelmente, todos. Só seis

Participantes na história haviam chegado à fronteira estadual em New Hampshire e apenas um alcançara Massachusetts, e os especialistas diziam que aquilo era a mesma coisa que Hank Aaron acertar 130 rebatidas no beisebol, ou coisa parecida... um recorde que nunca seria igualado. Talvez ele também morresse ali. Talvez morresse. Mas isso era diferente. O solo natal. Pensou que o major gostaria daquilo. “Ele morreu em seu solo natal”.

Emborcou o cantil e descobriu que estava vazio.

— Cantil. — gritou. — Número 47 pedindo um cantil!

Um dos soldados saltou da semilagarta e lhe entregou um cantil cheio. Quando ele se virou para ir embora, tocou de leve o fuzil que trazia à bandoleira às costas. Fez isso furtivamente. McVries, porém, notou.

— Por que foi que você fez isso?

Garraty sorriu e sentiu-se confuso.

— Não sei. Talvez seja a mesma coisa que bater em madeira, para dar sorte.

— Você é um garoto bacana, Ray — disse McVries e estugou o passo para se emparelhar com Olson, deixando-o sozinho e mais confuso do que nunca.

O número 93 — não sabia o nome dele — passou a sua direita. Olhava para os pés e os lábios moviam-se silenciosamente, como se ele estivesse contando os passos.

Cambaleava um pouco.

— Oi — disse Garraty.

O número 93 encolheu-se. Havia um vazio nos seus olhos, o mesmo vazio que vira nos olhos de Curley quando ele começara a perder a luta com o estiramento muscular. Ele está cansado, pensou. Sabe disso e está com medo. De repente, sentiu o estômago dar uma cambalhota e endireitar-se lentamente.

As sombras que projetavam andavam ao lado deles nesse instante. Faltava um quarto para as 2:00h. Às 9:00h da manhã, frio, sentado na grama à sombra, era coisa de um mês atrás.

Pouco antes de 2:00h da tarde, outras informações. Estava obtendo uma lição em primeira mão sobre o sistema informal de comunicações. Alguém descobria alguma coisa e, de repente, todos sabiam. Os boatos eram formados por respiração boca a boca.

Parece que vai chover. As possibilidades são de que haja chuva. Vai chover logo. O cara que tem um rádio diz que vai cair logo o maior toró. E quando chegou a notícia de que alguém estava se atrasando, que alguém estava com problemas, o sistema sempre acertava.

Dessa vez, a informação fora que o número 9, Ewing, estava com calos d'água e que fora advertido duas vezes. Muitos rapazes haviam sido advertidos, mas isso era normal.

Mas as informações eram que as coisas pareciam ruins para o lado de Ewing.

Transmitiu a informação a Baker, que pareceu surpreso.

— Aquele cara negro? — perguntou. — Tão negro que até parece azul?

Garraty respondeu que não sabia se Ewing era branco ou negro.

— E negro, sim — afirmou Pearson.

Apontou para Ewing. Garraty viu pequenas pérolas de suor brilhando no rosto de Ewing. Com uma sensação que lhe pareceu horror, notou que Ewing estava usando sapatos de tênis.

Regra 3. Não, repetimos, não use sapatos de tênis. Na Longa Marcha, nada produz bolhas mais rapidamente do que sapatos de tênis.

Baker acelerou-se até se emparelhar com Ewing. Falou com ele durante muito

tempo.

Depois, atrasou-se lentamente para evitar ser advertido. Não havia expressão em seu rosto.

— Ele começou a formar bolhas uns 3km após a partida. Começaram a se romper em Limestone. Está andando em cima do pus formado pelas bolhas estouradas.

O grupo escutou sem comentários. Garraty pensou novamente em Stebbins. Ele também usava sapatos de tênis. Talvez Stebbins estivesse sofrendo nesse momento problemas com bolhas d'água.

Nesse momento, os soldados olhavam para Ewing com grande atenção. O que faziam também os participantes. Ewing ocupava o centro do palco. As costas de sua camisa de malha, surpreendentemente branca em contraste com a pele negra, estavam ensopadas de suor no meio, ao longo da coluna. Garraty viu os grandes músculos das costas ondularem enquanto Ewing se movia. Músculos suficientes para aguentar durante dias e Baker dissera que ele estava andando em cima de pus. Bolhas d'água e estiramentos.

Arrepiou-se. Morte súbita. Todos aqueles músculos, todo aquele treinamento, não haviam conseguido vencer as bolhas d'água e os estiramentos. O que, em nome de Deus, pensara Ewing quando calçara aqueles P.F. Flyers?

Barkovitch reuniu-se a eles. Também olhava para Ewing.

— Bolhas d'água! — Disse isso num tom que parecia estar chamando de puta a mãe de Ewing. — O que, diabo, a gente pode esperar de um negro burro? É isso que estou perguntando a vocês.

— Desguie — disse Baker em voz calma —, ou lhe dou uma porrada.

— Isso é contra as regras — retrucou Barkovitch com um risinho safado. — Não esqueça disso, cara.

Mas foi embora. E como se houvesse levado consigo uma pequena nuvem de veneno.

Às 2:00h transformaram-se em 2:30h. As sombras dos maratonistas tornaram-se mais compridas. Subiram uma longa colina e no alto Garraty teve uma visão das montanhas baixas, enevoadas e azuis à distância. As nuvens de chuva que vinham do oeste haviam se tornado mais escuras e a brisa ganhara força, provocando-lhe arrepios enquanto o suor secava no corpo.

Um grupo de homens reunidos em volta de uma caminhonete Ford com uma casinhola de acampamento na caçamba aplaudiu-os freneticamente. Estavam todos muito bêbados. Os atletas responderam aos acenos. Até mesmo Ewing. Eram os primeiros espectadores que viam desde o menininho em macacão remendado.

Sem ler o rótulo, Garraty abriu um tubo de concentrado e comeu o conteúdo. A coisa tinha um leve gosto de carne de porco. Pensou no hambúrguer de McVries. E também em um grande bolo de chocolate com uma cereja decorativa em cima. Pensou

em panquecas. Por alguma razão maluca, sentiu vontade de comer panqueca fria coberta com geleia de maçã, o almoço frio que sua mãe sempre preparava quando ia caçar com o pai em novembro.

Ewing comprou uma cova dez minutos depois.

Andava em meio a um grupo de rapazes quando caiu abaixo da velocidade mínima pela última vez. Talvez tivesse pensado que os rapazes em volta lhe serviriam de proteção.

Os soldados fizeram bem seu trabalho. Eram especialistas. Empurraram para o lado os outros rapazes. Arrastaram Ewing para o acostamento da estrada. Ewing tentou resistir, mas não muito. Um dos soldados prendeu-lhe os braços atrás das costas, enquanto o outro encostava a boca do fuzil na cabeça do negro e puxava o gatilho. Uma das pernas dele escoiceou convulsivamente.

— Ele sangra igualzinho a todo mundo — disse de repente McVries.

As palavras soaram muito altas após o único tiro. Seu pomo-de-adão subiu e desceu e alguma coisa lhe estalou na garganta.

Dois a menos. As probabilidades haviam se ajustado infinitesimalmente em favor dos que restavam. Houve algumas conversas abafadas e Garraty pensou novamente no que fariam com os corpos.

Você pensa demais! berrou ele de repente, em silêncio, para si mesmo.

E deu-se conta de que estava cansado.

PARTE DOIS

DESCENDO A ESTRADA

CAPÍTULO 3

“Você tem trinta segundos e, por favor, lembre-se de que sua resposta tem que ser em forma de pergunta.”

— ART FLEMING
Jeopardy

ÀS 3:00h DA TARDE AS PRIMEIRAS GOTAS de chuva caíram na estrada, grandes, escuras e redondas. O céu por cima, enfarruscado e preto, fascinava em sua selvageria.

Em algum lugar acima das nuvens, o trovão ribombou. À frente, a forquilha azul de um raio caiu sobre a terra.

Garraty vestira o casaco logo depois de Ewing receber seu bilhete azul de despedida deste mundo. Harkness, o candidato a escritor, guardara com cuidado sua caderneta de notas em uma sacola impermeável. Barkovitch cobrira a cabeça com um chapéu de chuva de vinil amarelo. O chapéu fizera alguma coisa incrível com o rosto dele, mas teria sido difícil identificar exatamente o quê. Olhou por baixo da aba como se fosse um truculento faroleiro.

Ouviu-se a ensurdecadora explosão do trovão.

— Lá vem ela — exclamou Olson.

A chuva caiu, torrencial. Durante alguns momentos, foi tão forte que Garraty se sentiu inteiramente isolado dentro de uma cortina ondulante de água. Imediatamente, ficou encharcado até os ossos. Os cabelos transformaram-se numa pelagem gotejante. Virou o rosto para a chuva, sorrindo. Pensou consigo mesmo se os soldados poderiam vê-lo.

Perguntou-se se uma pessoa poderia concebivelmente...

Enquanto fazia conjeturas, o primeiro violento assalto líquido amainou um pouco e pôde enxergar novamente. Por cima do ombro, olhou para Stebbins, que nesse momento andava encurvado, as mãos segurando o ventre. No princípio, pensou que ele estava com câimbras. Por um momento, uma sensação forte de pânico empolgou-o, nada absolutamente igual ao que sentira quando Curley e Ewing haviam comprado seus bilhetes azuis. Não queria mais que Stebbins entregasse os pontos cedo.

Mas depois viu que Stebbins estava apenas protegendo a última metade de seu sanduíche de geleia, e voltou a olhar para a frente, aliviado. Chegou à conclusão de que Stebbins devia ter uma mãe muito burra para não embrulhar a droga do sanduíche em papel de alumínio, dada a eventualidade de chuva.

O trovão ribombou alto, erra um exercício de artilharia nos céus. Sentiu-se jubiloso e parte do cansaço pareceu ser levado pela água, juntamente com o suor. A chuva voltou, grossa e violenta e, finalmente, acomodou-se num chuvisco persistente. No alto, as nuvens começaram a se esgarçar.

Pearson caminhava nesse momento a seu lado. Arregaçou as calças. Usava jeans grandes demais para ele e tinha que subir frequentemente a calça. As lentes de seus óculos de aros de osso pareciam os fundos de garrafas de Coca-Cola. Tirou-os e começou a secá-los na fralda da camisa. E olhou para o mundo naquele jeito míope, indefeso, de pessoas com vista fraca quando tiram os óculos.

— Que tal seu banho de chuveiro, Garraty?

Garraty inclinou a cabeça na direção dele. À frente McVries urinava nesse momento.

Andava de costas enquanto se aliviava, borrifando o acostamento da estrada a uma distância considerável dos demais.

Garraty levantou a vista para os soldados. Estavam encharcados, também, claro, mas se por acaso se sentiam incomodados, não demonstravam nada. Conservavam os rostos em imobilidade pétrea. O que é que uma pessoa sente, pensou, quando passa fogo em outra? Será que a faz sentir-se poderosa? Lembrou-se da mocinha com o cartaz, de tê-la beijado, de lhe ter apalpado as nádegas. Sentindo-lhe a calcinha macia por baixo da calça três quartos. Aquilo o fizera sentir-se poderoso.

— Aquele cara lá atrás fala muito, não é? — perguntou de repente Baker.

Com o polegar, indicou Stebbins, cuja calça branca se tornara quase preta com aquela água toda.

— Não, não, não fala.

McVries recebeu advertência por ter demorado demais subindo o fecho da calça.

Emparelharam-se com ele e Baker repetiu o que dissera a respeito de Stebbins.

— Ele é um tipo solitário. E daí? — disse McVries e deu de ombros. — Eu acho...

— Hei — interrompeu-o Olson. Era a primeira vez já há algum tempo que dizia alguma coisa. — Minhas pernas estão esquisitas.

Garraty examinou-o com atenção e notou nos olhos dele já começos de pânico. Aquela aparência de jactância já era.

— Esquisitas como?

— Como se os músculos estivessem todos se tornando... flácidos.

— Relaxe — aconselhou McVries. — Isso me aconteceu há umas duas horas. E desaparece.

Alívio apareceu nos olhos de Olson.

— Desaparece?

— Claro que desaparece.

Olson não disse mais nada, embora seus lábios se movessem. Por outro momento, Garraty pensou que ele estivesse rezando, mas depois viu que ele estava contando

os passos.

Dois tiros ecoaram subitamente, seguidos de um grito e de um terceiro tiro.

Olharam e viram um rapaz de suéter azul e calça branca suja de pescador de caranguejo caído com o rosto numa poça d'água. Um dos sapatos dele se soltara.

Garraty notou que ele estivera usando meias brancas de atletismo. A Regra 12 recomendava-as.

Passou por cima do corpo, não procurando demais por furos de balas. Veio a informação de que esse garotão morreria de atraso. Nem bolhas d'água nem estiramento muscular, ele simplesmente se atrasara com uma frequência grande demais e comprara seu bilhete azul.

Não sabia nem o nome nem o número dele. Achou que mais tarde chegaria uma palavra a esse respeito, mas isso nunca aconteceu. Talvez ele houvesse sido um solitário como Stebbins.

Nesse momento já haviam percorrido 40km da Longa Marcha. A paisagem transformou-se em um mural contínuo de bosques e campos cultivados, interrompidos por uma ou outra casa ou um cruzamento de estradas, onde pessoas acenavam e aplaudiam a despeito da garoa que continuava a cair. Uma velha permanecia imóvel sob um guarda-chuva preto, e nem falava, nem acenava e nem sorria. Com olhos que pareciam verrumas observou-as passar. Nenhum sinal de vida ou movimento nela, salvo a barra do vestido preto que adejava ao vento. No dedo médio da mão direita ela usava um anel largo com uma pedra púrpura. À altura da garganta exibia um camafeu.

Cruzaram um leito de via férrea abandonado há muito tempo, os cravos enferrujados e grama do campo nascendo entre os dormentes. Alguém tropeçou, caiu, recebeu uma advertência, levantou-se e continuou a andar, sangrando nos joelhos.

Faltavam apenas 30km para chegaram a Caribou, mas a noite chegaria antes disso.

Nenhum descanso para os maus, pensou Garraty, e achou isso engraçado. Riu alto.

McVries olhou-o atentamente.

— Está ficando cansado?

— Não — respondeu Garraty. — Já estou cansado há muito tempo. — Fitou-o com o que pareceu animosidade. — Você quer dizer que não está?

— Simplesmente continue a dançar assim comigo, Garraty, e eu nunca me cansarei.

Arranharemos com nossos sapatos as estrelas e ficaremos pendurados de cabeça para baixo da lua.

Jogou um beijo para Garraty e afastou-se.

Garraty acompanhou-o com os olhos. Não sabia que conclusão tirar a respeito de McVries.

Às 5:00h o céu desanuviava e um arco-íris apareceu no oeste, onde o sol se punha por trás de nuvens orladas de ouro. Os raios inclinados da luz de fins da tarde coloriam os campos recém-revolvidos por onde passavam, tornando pretos e nítidos os leirões nos pontos em que contornavam as colinas longas e inclinadas.

O som do carro meia-lagarta era baixo, quase tranquilizador. Deixou a cabeça pender sobre o peito e tirou um semi-cochilo enquanto andava. Em algum lugar à frente ficava Freeport. Mas não naquela noite ou no dia seguinte. Havia ainda um bocado de passos a dar. Muita terra para cobrir. Descobriu que ainda tinha um número grande demais de perguntas e não um número suficiente de respostas. Aquela Marcha toda parecia apenas um ponto de interrogação cada vez maior. Disse a si mesmo que uma coisa como aquela tinha que ter alguma significação profunda. Certamente que tinha. Uma coisa como aquela devia fornecer uma resposta a qualquer pergunta. Era simplesmente uma questão de conservar o pé no acelerador. Bem, se ele pudesse apenas...

Colocou o pé numa poça d'água e acordou inteiramente. Pearson fitou-o ironicamente e empurrou os óculos para cima do nariz.

— Conhece aquele cara que caiu e se cortou quando cruzamos os trilhos?

— Conheço. Zuck, não?

— Esse mesmo. Acabei de ouvir que ele continua sangrando.

— Quanto falta ainda até Caribou, maníaco? — perguntou alguém.

Virou-se. Barkovitch. Enfiara o chapéu impermeável no bolso traseiro da calça, onde ele batia obscenamente.

— Como, diabo, posso saber isso?

— Você mora por estas bandas, não?

— Faltam uns 28km. Agora, vá vender seus jornais noutra freguesia, garoto.

Barkovitch assumiu uma expressão de quem fora insultado e afastou-se.

— Ele é um cara provocador — observou Garraty.

— Não deixe que ele o encha — aconselhou McVries. — Simplesmente, concentre-se em andar e em enterrá-lo.

— Tudo bem, treinador.

McVries deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Parece que estamos andando desde sempre, não é?

— É isso aí.

Garraty passou a língua pelos lábios, querendo expressar-se e simplesmente não sabendo como.

— Você já ouviu aquela história dizendo que quando um homem está se afogando toda a vida dele desfila diante de seus olhos?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A longa marcha"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).